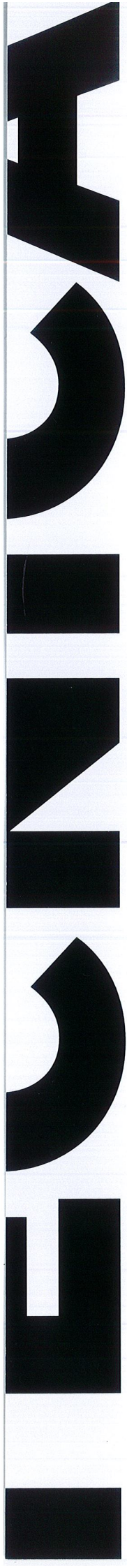


The background of the entire page is a white field populated with various black geometric elements. On the left edge, there is a vertical strip of large, solid black shapes, including semi-circles and trapezoids. Scattered across the rest of the page are numerous small, thin horizontal black bars and a few small solid black squares. Some of these squares are connected by thin, faint diagonal lines, creating a sense of movement or trajectory across the composition.

RUÍNAS E TERRENOS VAGOS

**EXPLORAÇÕES,
REFLEXÕES E
ESPECULAÇÕES**

EDUARDO BRITO-HENRIQUES
CRISTINA CAVACO
MARTA LABASTIDA
(EDS.)

**Título**

Ruínas e terrenos vagos:
explorações, reflexões e especulações

Editores

Eduardo Brito-Henriques,
Cristina Cavaco,
Marta Labastida

Edição

Centro de Estudos Geográficos
da Universidade de Lisboa

Data de Edição

Junho de 2019

Apoio editorial

Patrícia Monteiro; Pablo Costa

Design Design Glow

Direção de Arte Carolina Basto

ISBN

978-972-636-281-4

Depósito Legal

DL: 456875/19

A EXPERIÊNCIA DO ABANDONO DOCUMENTADO EM VÍDEO

■ João Sarmento*, Rui Pereira**

É recorrente um olhar que associa o abandono e arruinação urbano a locais problemáticos e marginalizados da cidade, que aguardam pela oportunidade de serem interencionados e devolvidos à esfera de uso público. A nossa tarefa principal foi a de tentar desconstruir discursos preconcebidos e genéricos sobre o abandono, contrariando o distanciamento e o olhar superficial próprios de quem “vê as ruínas de fora”. Procuramos entender o abandono através das experiências humanas que proporciona, da relação entre os espaços arruinados e as pessoas que deles se apropriam. O objetivo foi contribuir para o reconhecimento de novas leituras, muitas vezes enunciadoras do desafio que é a integração destes locais no planeamento da cidade perfurada.

Definida uma orientação, o trabalho de campo exigiu visitas regulares aos casos em estudo e constantes diálogos com as comunidades locais. Neste leque de personagens, fomos ouvir as pessoas que usam estes espaços de forma esporádica e aquelas que os habitam de modo mais permanente; as pessoas que não os atravessando estabelecem com eles relações de vizinhança ou percorrem as suas imediações como local de passagem; ou outras pessoas, até, que só lhes reconhecem a sua presença na paisagem urbana mais distante.

Este foi um processo essencialmente de recolha. Procuramos documentar e registar, sem formar juízos ou remetendo-os para a esfera individual, evitando inquinhar depoimentos ou perverter a genuinidade das visões com que íamos sendo contemplados a cada conversa cedida. Participámos o mínimo possível nestes diálogos. Só quando necessário ao desenrolar da conversa introduzíamos algumas questões que procuravam ser neutras - “Há quanto tempo isto está assim?” - e os depoimentos, quase monó-

logos, fluíram naturalmente. Muitas vezes, limitamo-nos a ouvir e assentir com a cabeça, absorvendo simplesmente a novidade e a riqueza das leituras de quem (con)vive intrinsecamente com as ruínas da cidade.

Apesar da preocupação em isentarmo-nos ao máximo deste processo de registo e documentação, sabíamos que não seria possível apagar o nosso envolvimento. Conscientemente, desempenhámos o papel de observadores e simultaneamente participantes, que também experienciaram estes locais e que pela simples presença interferiram neles de forma inevitável. Mas fomos mais longe. Frequentemente transgredimos fronteiras e corremos riscos em espaços não públicos: galgámos muros, subimos a estruturas instáveis e experienciámos a vertigem. Fomos surpreendidos por presenças insólitas, re-preendidos e assustados sem motivo. Vagueámos por estes locais de dia e de noite, intronometemo-nos e alterámos a paisagem ao mudar de sítio e arremessar pelo ar blocos de tijolos que sobrevoaram as nossas cabeças, enquanto os gravávamos em vídeo.

A utilização do vídeo mostrou-se um dos instrumentos privilegiados para o trabalho de campo, em particular, na recolha de depoimentos e na documentação dos locais visitados. O vídeo permitiu facilmente registar conversas mas também retratar ambientes, transmitir movimento e ritmos, captar sons e alternâncias diversas. Usámos esta tecnologia de forma descomplexada e livre, recorrendo a equipamentos variados e disponíveis a cada momento: aos telemóveis pessoais, a um tablet (iPad), máquinas fotográficas (Canon SLR e Sony A6000) e um microfone (Zoom H4N Pro) para registos sonoros. Vindos das áreas da Geografia e da Arquitetura, recolhemos imagens com um guião minimalista ou muitas vezes de improviso. A li-

berdade e experimentalismo com que fizemos estes registos contribuiu para a disparidade dos materiais recolhidos, que refletem diferentes abordagens, enquadramentos e até estados de espírito.

As primeiras gravações resultaram num documentário audiovisual do quarteirão da Caldeiroa, em Guimarães (3'17"), que foi exibido no 6º congresso da Association of Geographical Societies in Europe (EUGEO), realizado em Bruxelas, em setembro de 2017. O quarteirão é uma área muito central da cidade, localizado entre a estação de caminho-de-ferro e o centro histórico. É um quarteirão praticamente hermético, com os pontos de entrada e atravessamento fechados, e com uma dimensão de 8 hectares, comparável à do mesmo centro histórico. Em primeiro lugar, o guião idealizado procurou destacar a dimensão do quarteirão e os contrastes entre manchas verdes e estruturas abandonadas. Para isso recorremos (com autorização) à cobertura do Hotel Fundador, um edifício-torre localizado no topo sul da área. Seguidamente, e por forma a dar ideia da extensão do seu perímetro, percorremos os

seus limites a partir de um automóvel em movimento e em alguns minutos filmámos os seus muros cegos e fachadas de vãos emparedados. Por fim, conseguimos, com a colaboração do proprietário, filmar partes do miolo do quarteirão, das três ruínas industriais e dos terrenos vacantes associados. Este primeiro documentário audiovisual serviu como protótipo para os registos seguintes que procuraram incluir mais exaustivamente os outros casos de estudo do projeto, sobretudo os de Guimarães e Vizela.

A participação no Pecha Kucha Night Lisbon #25, realizado em Março de 2018, motivou a realização de um novo documentário audiovisual. Neste novo vídeo, condicionado ao formato do evento (duração exata de 6 minutos e 40 segundos), optou-se por apresentar num mesmo enquadramento imagens recolhidas em vários casos de estudo, selecionados nas cidades de Lisboa, Barreiro, Guimarães e Vizela. A esta justaposição de imagens acrescentámos os depoimentos das personagens locais.

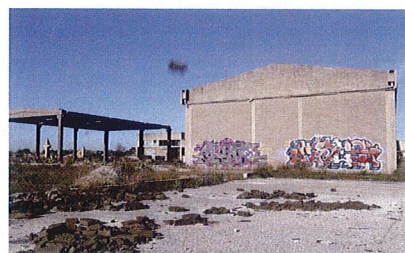
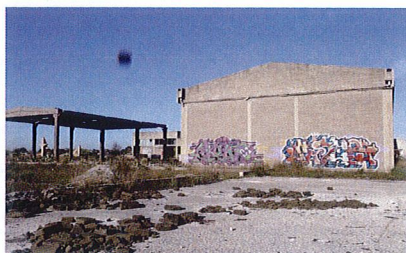
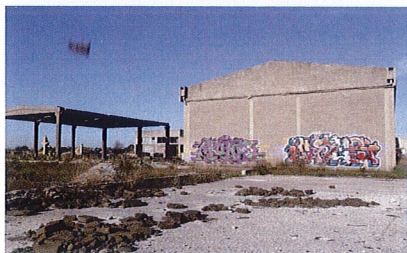
Para a Exposição que encerrou o projeto NoVOID elaborámos um novo documentário, tendo por base a ex-



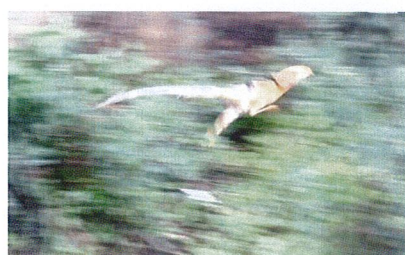
Nas alturas da ruína: Fábrica de Gás da Matinha, Lisboa. (Imagem J. Sarmento, 2017)

periência anterior. Já libertos dos condicionamentos de duração, elaborámos um vídeo mais longo, incluindo um maior número de casos e personagens locais, cujos discursos foram o fio condutor da ação apresentada. Este somatório de imagens e discursos permitiu por um lado apresentar a diversidade de situações de abandono existentes mas, simultaneamente, isolar aspetos idênticos nos locais estudados. Além de uma estética comum do abandono, reconhecível na patine dos materiais, na degradação e destruição, na vegetação espontânea ou nos vestígios de apropriações humanas, foi possível perceber

como, em diferentes graus e nuances, mas em todos os lugares estudados, as ruínas, espaços de meia-construção e meia-natureza, de decadência e de nostalgia, se fazem quotidianamente da interação de atores humanos e não humanos. São espaços de biodiversidade mas também de partilha. Na narrativa dos vizinhos, dos pescadores, ou de quem passeia o cão, reconheceram-se percepções, significados, sentimentos e experiências que são transversais a muitos lugares e expressão de uma ambiguidade que desafia os limites entre os domínios público e privado.



A ruína mexe: Parque Empresarial da Quimiparque R.47, Barreiro (Sequência de imagens de J. Sarmento, 2018)



Habitantes ocasionais: faisão selvagem no Loteamento da Boavista, Guimarães (Sequência de imagens de R. Pereira, 2018)



Na companhia da ruína: pescadores junto ao Conjunto Industrial do Rio Vizela, Vizela (Imagem de R. Pereira, 2018)